

# Mar Vermelho: a travessia que nunca existiu

"[...] e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas" (Paulo, 2Tm 4,4).

"[...] se admitíssemos que Deus faz alguma coisa contrária às leis da natureza, seríamos também obrigados a admitir que Deus age em contradição com a sua própria natureza, o que é um absurdo". (ESPINOSA, 1670).

## Introdução

Relatam-nos os textos sagrados, que o povo hebreu, ao sair do Egito, defrontou-se com o Mar Vermelho, que se dividiu em duas muralhas após Moisés estender a mão sobre ele, de modo que todo o povo atravessou-o a pé enxuto. Os egípcios, que o perseguiram, foram tomados pelas águas, quando elas se juntaram novamente, perecendo todo o exército do Faraó.

Apesar desse "milagre" nos impressionar, nunca deixamos de questionar se realmente isso aconteceu, tal como se encontra relatado na Bíblia. Pelo que vimos nos filmes épicos, é muita água! Veremos, neste estudo, se conseguiremos desvendar esse mistério.

## As passagens relacionadas

Das várias Bíblias, fonte de nossa pesquisa, somente a intitulada *Bíblia de Jerusalém* traz a verdadeira denominação do local da passagem. Optamos por colocar todas as narrativas que iremos mencionar dela, uma vez que a equipe formada para sua tradução foi composta por tradutores católicos e protestantes; portanto, uma versão de consenso que, segundo pensamos, evita, muito mais que qualquer outra, textos adaptados à conveniência religiosa de um segmento específico.

Ex 13,17-18: "*Ora, quando o Faraó deixou o povo partir, Deus não o fez ir pelo caminho no país dos filisteus, apesar de ser o mais perto, porque Deus achava que diante dos combates o povo poderia se arrepender e voltar para o Egito. Deus, então, fez o povo dar a volta pelo caminho do deserto do **mar dos Juncos**, e os israelitas saíram bem armados do Egito*".

Já temos o nosso primeiro problema: qual foi o verdadeiro motivo pelo qual os hebreus saíram do Egito? A razão da pergunta é bem simples: temos três alternativas para escolher; senão vejamos:

- a) Em Ex 13,17, fala que o Faraó os deixou partir;
- b) Em Ex 14,5, diz que fugiram do Egito; e
- c) Em Ex 21,39, afirma que foram expulsos.

Mas, por incrível que possa parecer, surgiu um dogmático que defende ter acontecido todas elas; haja fanatismo! O que não se faz para sustentar que os textos bíblicos são verdadeiros... Caso contrário, a crença de que a Bíblia é inerrante cai por terra.

Russel N. Champlin (1933- ) e J. M. Bentes (1932- ) têm uma opinião bem interessante que consta de uma das obras *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, que transcrevemos:

Finalmente, devemos lembrar que **as declarações de que a Bíblia não contém erro alicerçam-se sobre o dogma humano** e levaram séculos para se desenvolver. **A própria Bíblia não reivindica isso para si mesma.** Em consequência, **ao negarmos elementos fantásticos da Bíblia, estamos meramente repelindo os dogmas humanos**, e não o que a Bíblia diz por si mesma[...]

[...] Mas, supor que eles [os autores sagrados] tivessem de estar certos em tudo não passaria de dogmas humanos que precisavam de séculos para se

desenvolver. **Os próprios autores não reivindicaram inerrância; e mesmo que o tivessem feito, não poderiam comprová-la. Aquele que precisa apelar para o mito da inerrância é um infante espiritual que precisa de mamadeira adrede preparada.** A espiritualidade não se parece com isso. De fato, a espiritualidade (em seu aspecto de conhecimento) é uma aventura, uma inquirição. Existem grandes verdades subjacentes como Deus, a existência e a sobrevivência da alma, e muitos detalhes dotados de base histórica. Porém, é vão tentar encaixar historicamente e sem erros tudo quanto encontramos na Bíblia. (CHAMPLIN e BENTES, 1995a, p. 36) (grifo nosso)

É parece que os autores não se afinam com os fanáticos, que, piamente, acreditam que tudo quanto está na Bíblia é totalmente verdadeiro.

Sobre Ex 13,17-18, passo que estamos analisando, em nota de rodapé, explicam os tradutores:

A designação "**o mar dos Juncos**", em hebraico *yam sūf*, é acréscimo. **O texto primitivo dava apenas uma indicação geral:** os israelitas tomaram o caminho do deserto para o leste ou o sudeste. – o sentido desta designação e a localização do "mar de Suf" são incertos. Ele não é mencionado na narrativa de Ex 14, que fala apenas do "mar". O único texto que menciona o "mar de Suf" ou "mar dos Juncos" (segundo o egípcio) como cenário do milagre é Ex 15,4, **que é poético.** (Bíblia de Jerusalém, p. 121) (grifo nosso).

Veremos, mais à frente, que Werner Keller (1909-1980), autor do livro *E a Bíblia tinha razão...*, reforça essa afirmativa sobre a designação desse local.

Ex 14,21-28: *"Então Moisés estendeu a mão sobre o mar. E Iahweh, por um forte vento oriental que soprou toda aquela noite, fez o mar se retirar. Este se tornou terra seca, e as águas foram divididas. Os israelitas entraram pelo meio do mar em seco; e as águas formaram como um muro à sua direita e à sua esquerda. Os egípcios que os perseguiam entraram atrás deles, todos os cavalos de Faraó, os seus carros e os seus cavaleiros, até o meio do mar... Moisés estendeu a mão sobre o mar e este, ao romper da manhã, voltou para o seu leito. Os egípcios, ao fugir, foram de encontro a ele. E Iahweh derribou os egípcios no meio do mar. As águas voltaram e cobriram os carros e cavaleiros de todo o exército de Faraó, que os haviam seguido no mar; e não escapou um só deles".*

Transcrevemos da nota de rodapé a seguinte explicação:

Esta narrativa apresenta-nos o milagre de duas maneiras: 1º) Moisés levanta a sua vara sobre o mar, que se fende, formando duas muralhas de água entre as quais os israelitas passam a pé enxuto. Depois, quando os egípcios vão atrás deles, as águas se fecham e os engolem. Esta narrativa é atribuída à tradição sacerdotal ou eloísta. 2º) Moisés encoraja os israelitas fugitivos, assegurando-lhes que nada têm que fazer. Então, Iahweh faz soprar um vento que seca o "mar", os egípcios ali penetram e são engolidos pelo seu refluxo. Nesta narrativa, atribuída à tradição javista, somente Iahweh é que intervém; não se fala de uma passagem do mar pelos israelitas, mas apenas da miraculosa destruição dos egípcios. Esta narrativa representa a tradição mais antiga. É somente a destruição dos egípcios que afirma o canto muito antigo de Ex 15,21, desenvolvido no poema de 15,1-18. Não é possível determinar o lugar e o modo deste acontecimento; mas aos olhos das testemunhas apareceu como uma intervenção espetacular de "Iahweh guerreiro" (Ex 15,3) e tornou-se um artigo fundamental da fé javista (Dt 11,4; Js 24,7 e cf. Dt 1,30; 6,21-22; 26,7-8). Este milagre do mar foi posto em paralelo com outro milagre da água, a passagem do Jordão (Js 3-4); a saída do Egito foi concebida de maneira secundária à imagem da entrada em Canaã, e as duas apresentações misturam-se no cap. 14. A tradição cristã considerou este milagre como uma figura da salvação, e mais especialmente do batismo (1Cor 10,1). (Bíblia de Jerusalém, p. 121-122).

Muitas vezes explicam certas passagens bíblicas de um jeito, mas não levam em consideração as suas próprias explicações para análise de outros textos. Por isso, insistem que tal ocorrência se trata de "milagre"; mas, como já deixamos transparecer, logo de início, só se

por delírio poético do autor bíblico.

Ficamos em dúvida de como as coisas realmente aconteceram, já que, pelo relato, Moisés estendeu a mão sobre o mar, enquanto que o historiador Flávio Josefo (37-103 d.C.), dizendo sobre o que se encontra nos Livros Santos, narra da seguinte forma:

Este admirável guia do povo de Deus, depois de ter acabado a sua oração, **tocou o mar com sua vara maravilhosa** e no mesmo instante ele se dividiu, para deixar os hebreus passar livremente, atravessando-o a pé enxuto, como se estivessem andando em terra firme. (JOSEFO, 1990, p. 87) (grifo nosso).

Assim, temos duas versões para o mesmo fato. Por outro lado, Josefo registra de forma espetacular o retorno das águas ao leito do mar, com o perecimento dos egípcios, o que não encontramos na Bíblia da mesma forma. Vejamos:

O vento juntara-se às vagas para aumentar a tempestade: **grande chuva caiu dos céus; os relâmpagos misturaram-se com o ribombo do trovão, os raios seguiram-se aos trovões** e para que não faltasse nenhum sinal dos mais severos castigos de Deus, na sua justa cólera, punindo os homens, uma noite sombria e tenebrosa cobriu a superfície do mar; do modo que, de todo esse exército, tão temível, **não restou um único homem que pudesse levar ao Egito a notícia da horrível catástrofe.** (JOSEFO, 1990, p. 87) (grifo nosso).

Em seu cântico entoado a Deus, Moisés, a certa altura, diz: "Soprastes com o teu vento, e o mar os cobriu; afundaram-se como chumbo em águas impetuosas" (Ex 15,10), referindo-se ao retorno ao estado normal das águas do mar, que cobriram os egípcios. Em nota de rodapé, o tradutor da Bíblia, Russell Philip Shedd (1929- ), teólogo evangélico, assim explica:

Ex 15,10: *Sopraste*. Ex 14,21 nos mostra que **as águas do mar foram afastadas por um forte vento; então era uma mudança de vento que deixou voltar a maré**, que agora se tornou em arma contra os perseguidores. (Bíblia Shedd, p. 95) (grifo nosso).

Então o afastamento das águas foi por conta de um forte vento, nada tem a ver com um suposto milagre realizado por Moisés.

### A rota inicial do Êxodo

Partiram de Ramsés para Sucot, daí seguiram a Etam, de onde foram até Piariot, ponto em que partiram e atravessaram o mar, acampando em Mara, no Deserto de Etam. (Ex 13,20; 14,2.9.15; 15,22; Nm 33,5-8). Ver no mapa 2 abaixo, essa rota traçada em linha vermelha:



Observe no Mapa 1 (destaque da área realçada no retângulo azul no Mapa 2) que, na região da passagem pelo "Mar Vermelho", existe até uma rota comercial (linha pontilhada), demonstrando que não se necessitava de nenhum milagre para passar pelo local. Keller, num mapa colocado em seu livro *E a Bíblia tinha razão...*, informa que essa área é denominada de "mar dos Juncos", o que de fato pode-se confirmar no mapa acima que foi retirado da Bíblia Anotada, Mundo Cristão.

Bem abaixo, ainda no Mapa 1, na região indicada como de ajuntamento de água, se refere ao Golfo de Suez. Não se trata especificamente do Mar Vermelho, que fica bem mais abaixo, conforme se pode ver mais claramente no Mapa 2, que, segundo nossos cálculos, dista cerca de 360 km do local da passagem.

Temos, então, pela geografia da região, que o Mar Vermelho é, vamos assim dizer, dividido pela Península do Sinai em dois golfos, o Golfo de Suez e Golfo de Acaba. Como se diz popularmente "cada um é cada um", ou melhor, geograficamente falando, golfo é golfo, não é o mar propriamente dito.

Russel N. Champlin (1933- ) e J. M. Bentes (1932- ), são categóricos, dizendo:

A comparação entre Êxodo 14 e 15:22, observando-se o paralelismo poético em 15:4, deixa claro que **o "mar" atravessado pelos hebreus em Êxodo 14 era o "mar dos juncos", que corresponde ao egípcio "alagadiço de papiros", particularmente no nordeste do delta do Nilo.** (CJHAMPLIN e BENTES, 1995d, p. 118) (grifo nosso)

Essa localização leva-nos, justamente, à parte destacada do mapa 1, uma região pantanosa, na qual, provavelmente, os hebreus, na condição de escravos, colhiam os papiros para serem processados e transformados em folhas, visando servirem para os registros escritos.

Veja, caro leitor, que explicação interessante encontramos:

Ex 12,37: *Sucot*. Parece ser a cidade de Pitom, bem ao norte do Mar Vermelho. As grandes estradas centrais, guardadas por fortificações, se achavam muito mais para o norte (cf 13,17). **Parece que até dois mil anos atrás, o Mar Vermelho se estendia quase até lá.** (Bíblia Shedd, p. 91) (grifo nosso).

Vê-se que o tradutor Russell Philip Shedd procurou uma saída honrosa para justificar a passagem do Mar Vermelho, levantando a hipótese de que, naquela época, ele se estendia até a cidade de Sucot. Até hoje, ele foi a única pessoa que disse isso, dentre os inúmeros exegetas que já tivemos oportunidade de ler. Segundo sua explicação: "Sucot, nome genuinamente hebraico, que parece ser a cidade de Tell-el-Maskhuta, situada a cerca de 25 km a sudeste de Ismaília, que se acha às margens do canal de Suez, mais ou menos na metade. (Paulinas 1980, p. 88). O que faz situá-la às margens do canal de Suez, conferindo com o que se vê nos mapas acima.

O historiógrafo Laurence Gardner (1943-2010), deu a seguinte opinião sobre isso:

Ao estudar o relato do Êxodo no Antigo Testamento e a travessia do Mar Vermelho, cujas águas se partiram, tornando-se "qual muro à sua direita e à sua esquerda (Êxodo 14:22), descobrimos que, na verdade, não havia mar para que os israelitas cruzassem. Contam-nos que Moisés levou o povo de Avaris (pi-Ramsés) na planície de Goshen, no Delta do Nilo, de onde viajaram ao Sinai (Êxodo 16:1) por um caminho para Midiã (Êxodo 18:1). Mas essa rota atravessa o deserto a norte do Mar Vermelho, onde o Canal artificial de Suez, de 165 km, aberto em 1869, está atualmente. Logicamente, isso coloca a história da divisão das águas por Moisés no mesmo reino mítico do conto do cesto de juncos. (GARDENER, 2004, p. 61).

### **Algumas explicações dos tradutores**

Fora as que já fornecemos, logo após as passagens anteriormente transcritas, seria ainda interessante lermos outras que se nos apresentam.

**O local da travessia** do *Mar Vermelho* foi provavelmente a extensão **norte do Golfo de Suez**, ao sul do atual porto de Suez. Embora **a expressão literal seja "mar dos Juncos"**, a referência é ao mar Vermelho, não simplesmente a alguma região alagadiça. (Bíblia Anotada, em relação à Ex 13,18, p. 98) (grifo nosso).

*Mar Vermelho*: lit. **"mar dos Juncos"**. **A expressão designa** tanto o atual mar Vermelho como **também a região pantanosa e de lagunas, atravessada hoje pelo canal de Suez**. É o cenário da passagem dos israelitas pelo "mar Vermelho" (Bíblia Sagrada Vozes, em relação à Ex 10,19, p. 91). (grifo nosso).

**A descrição da passagem pelo mar Vermelho corresponde a um fenômeno de ordem natural**, como o sugere a menção do "vento forte" (v.21) **que põe o mar, isto é, uma região pantanosa**, em seco. Tal fenômeno foi providencial para salvar os israelitas (v.24) e fazer perecer os egípcios (v.27): de madrugada as condições climáticas foram favoráveis à passagem segura dos israelitas; de manhã mudaram bruscamente e os egípcios pereceram. Nisto Israel viu a mão providencial de Deus (v.31), expressa pela nuvem e pelo fogo (13,21), pelas águas que formam alas para os israelitas passarem (14,22) e pela vara milagrosa de Moisés (v.16.21.26). (Bíblia Sagrada Vozes, em relação à Ex 14,21-31, p. 97). (grifo nosso).

**Em toda essa narração da passagem do mar Vermelho é difícil estabelecer o que haja de verdadeiramente histórico e o que haja de fruto de reelaborações épicas**. Tampouco é possível indicar o ponto exato em que se deu a travessia. Por certo, há uma intervenção milagrosa de Deus que, embora servindo-se de fenômenos naturais, pode ordená-los no tempo e lugar para que facilitassem a fuga dos hebreus e o castigo dos egípcios. Em todo o A.T. a passagem do mar Vermelho foi sempre considerada como o exemplo mais esplêndido do socorro providencial de Deus, e em o N.T. é ainda considerada como a figura da salvação, mediante a ablução batismal. (Bíblia Sagrada Vozes, em relação à Ex. 14,15-31, p. 97) (grifo nosso).

Mesmo que em algumas delas se reconheça que não é realmente o mar Vermelho, mas o mar dos Juncos, ou que o que aconteceu foi um fenômeno de ordem natural, cujo efeito foi colocar a região pantanosa em seco, não deixam de envidar esforços, em seus argumentos, para levá-lo à conta de milagre, contrariando o bom senso, base da fé racional, em detrimento da fé cega.

### **A arqueologia confirma os fatos?**

Agora, sim, é que iremos ver o que Keller tem mesmo a nos dizer sobre esse assunto. Vejamos:

Esse "milagre do mar" tem ocupado incessantemente a atenção dos homens. O que até agora nem a ciência nem a pesquisa conseguiram esclarecer não é de modo algum a fuga, para a qual existem várias possibilidades reais. A controvérsia que persiste é sobre o cenário do acontecimento, que ainda não foi possível fixar com certeza.

A primeira dificuldade está na tradução. **A palavra hebraica "Yam suph" é traduzida ora por "mar Vermelho", ora por "mar dos Juncos"**. Repetidamente se fala do "*mar dos Juncos*": "*Ouvimos que o Senhor secou as águas do mar dos Juncos[1] à vossa entrada, quando saístes do Egito...*" (Josué 2.10). No Velho Testamento, até o profeta Jeremias, fala-se em "*mar dos Juncos*". O Novo Testamento diz sempre "mar Vermelho" (Atos 7.36; Hebreus 10.29).

Às margens do mar Vermelho não crescem juncos. O mar dos juncos propriamente ficava mais ao norte. Dificilmente se poderia fazer uma reconstituição fidedigna do local – e essa é a segunda dificuldade. A construção do **Canal de Suez** no século passado modificou extraordinariamente o aspecto da paisagem da região. **Segundo os cálculos mais prováveis, o chamado "milagre do mar" deve ter acontecido nesse território**. Assim, por exemplo, o antigo lago de Ballah, que ficava ao sul da estrada dos filisteus, desapareceu com a construção do canal, transformando-se em pântano. Nos tempos de Ramsés II, existia ao sul uma ligação do golfo de Suez com os lagos amargos. Provavelmente chegava mesmo até mais adiante, até o lago Timsah, o

lago dos Crocodilos. Nessa região existia outrora um mar de juncos. **O braço de água que se comunicava com os lagos amargos era vadeável em diversos lugares.** A verdade é que foram encontrados alguns vestígios de passagens. A fuga do Egito pelo mar dos Juncos é, pois, perfeitamente verossímil.

[1] As traduções em português consultadas citam sempre "mar Vermelho". (N. do T.)  
(KELLER, 2000, p. 146) (grifo nosso).

As observações de Keller, perfeitamente, se encaixam com algumas das explicações dadas pelos tradutores, ficando, desta forma, sem propósito qualquer argumento contrário, a não ser que algum dia a ciência venha em socorro dos que querem enxergar as coisas sob um ponto de vista religioso, sustentando os fatos como milagres.

É bom deixar registrado que, enquanto que em outras bíblias a palavra Mar Vermelho aparece vinte e nove vezes, na Bíblia de Jerusalém<sup>[1]</sup>, encontramos: dezessete vezes usando **Mar dos Juncos**, apenas sete vezes como **Mar Vermelho**, três vezes lê-se **Mar de Suf** e uma vez é citado **Mar dos Caniços**.

### Fatos semelhantes

A respeito da passagem do Mar Vermelho, Josefo nos relata outro acontecimento idêntico:

[...] ninguém deve considerar como coisa impossível, que homens, que viviam na inocência e na simplicidade desses primeiros tempos, tivessem encontrado, para se salvar, uma passagem no mar, que se tenha ela aberto por si mesma, quer isso tenha acontecido por vontade de Deus, pois a mesma coisa aconteceu algum tempo depois aos macedônios, quando passaram o mar da Panfília, sob o comando de Alexandre, quando Deus se quis servir dessa nação para destruir o império dos persas, como o narram os historiadores que escreveram a vida desse príncipe. Deixo, no entanto, a cada qual que julgue como quiser. (JOSEFO, 1990, p. 87).

Observe que nesta fala de Josefo é dito dum fato semelhante acontecido com os macedônios, que também a pé enxuto passaram o mar da Panfília.

No livro de Josué (3,14-17) o povo de Israel atravessou o rio Jordão, após as suas águas terem se dividido, fato semelhante à narrativa da passagem do Mar Vermelho. Muitos também têm esse episódio como um milagre. Entretanto, vejamos as seguintes notas explicativas dos tradutores:

Sabemos que as águas do Jordão, no seu leito estreito e profundo, vão minando as margens, provocando de vez em quando grandes desabamentos de terras que podem obstruir por completo, a torrente. A partir desse lugar, o leito permanece seco até que as águas rompem uma passagem e encontram de novo o seu caminho. A história conta-nos que isso aconteceu em 1267, 1914 e 1927. Em nada diminuiria a ação de Deus se se tivesse servido miraculosamente, nesse momento exato, destes elementos locais. (Bíblia Sagrada, Ed. Santuário, em relação à Js 3, 16, p. 286).

Relaciona-se esse fato com o ocorrido em 1267, segundo o cronista árabe [de nome Huwairi, conforme Ed. Paulinas, pág. 222] o Jordão cessou de correr durante dez horas, porque desmoronamentos do terreno haviam obstruído o vale, precisamente na região de Adamá-Damieh. (Bíblia de Jerusalém, em relação à Js 3, 16, p. 317).

[...] O Jordão, de fato, é um pequeno rio que, em alguns lugares, permite a travessia a pé enxuto, principalmente graças à abundância de pedras em seu leito. (Bíblia Sagrada, Ed. Vozes, em relação à Js 4, 3, p. 238).

Js 3,15-17: *O Jordão transbordava* nos meses de maio e junho. Em Adã, cidade 25 km ao norte, o Jordão corre entre ribanceiras de barro de 13 m de

<sup>1</sup> Mar dos Juncos: Ex 10,19; 13,18; 15,4; 15,22; Ex 23,31; Nm 33,10; 33,11; Js 2,10; 4,23; 24,6; Jz 11,16; 1Rs 9,26; Ne 9,9; Sl 106,7; 106,9; 106,22; 136,13; Mar Vermelho: Dt 11,4; Jd 5,13; 1Mc 4,9; Sb 10,18; 19,7; At 7,36; Hb 11,29; Mar de Suf: Nm 14,25; 21,4; Dt 1,40; 2,1; Mar dos Caniços: Jr 49,21

altura, sujeitas a desmoronamento. Podia ter sido o método que Deus usou para estancar as águas e deixar passar o povo, na hora determinada por Ele. (Bíblia Shedd, p. 308-309).

Portanto, esse "milagre" das águas do rio Jordão separar é um fenômeno de ordem natural e não uma "ação divina" a favor dos israelitas; como se Deus fizesse algum tipo de exceção em suas leis...

### Outra Versão do êxodo

Sempre que estivermos pesquisando algo para saber o que de fato aconteceu, é recomendável vermos outras fontes. Vejamos uma outra versão da saída dos hebreus do Egito:

*"Estas são as etapas que os israelitas percorreram, desde que saíram da terra do Egito, segundo os esquadrões, sob a direção de Moisés e Aarão. Moisés registrou os seus pontos de partida, quando saíram sob as ordens de Iahweh. Estas são as etapas, segundo os seus pontos de partida. Partiram de Ramsés no primeiro mês. No décimo quinto dia do primeiro mês, no dia seguinte à Páscoa, partiram de mão erguida, aos olhos de todo o Egito... Os israelitas partiram de Ramsés e acamparam em Sucot. Em seguida partiram de Sucot e acamparam em Etam, que está nos limites do deserto. Partiram de Etam e voltaram em direção de Piariot, que está diante de Baal-Sefon, e acamparam diante de Magdol. Partiram de Piariot e alcançaram o deserto, depois de terem atravessado o mar, e depois de três dias de marcha no deserto de Etam acamparam em Mara. Partiram de Mara e chegaram a Elim. Em Elim havia doze fontes de água e setenta palmeiras; ali acamparam. **Partiram de Elim e acamparam junto ao mar dos Juncos. Em seguida partiram do mar dos Juncos e acamparam no deserto de Sin.** Partiram do deserto de Sin e acamparam em Dafca. Partiram de Dafca e acamparam em Alus. Partiram de Alus e acamparam em Rafidim; o povo não encontrou ali água para beber. Partiram de Rafidim e acamparam no deserto do Sinai..."*

Nessa versão, que reproduzimos só até a chegada ao Sinai, não há a menor menção à abertura do mar Vermelho; não é interessante?! Mas poderia alguém nos perguntar: de onde você a retirou? Responderemos serenamente: da Bíblia! Como!? da Bíblia? Sim; é isso mesmo; essa passagem foi transcrita dela; se quiser comprovar que então leia Nm 33,1-49. Com qual das versões ficaremos como sendo a verdadeira? Como se vê pela descrição contida em Números 33, a passagem pelo mar dos Juncos foi coisa normal, e não poderia ser de outra forma, pois já existia uma rota comercial passando por aquele local, conforme poder-se-á comprovar pela linha pontilhada no mapa 1.

### Conflitos inexplicáveis

Primeiramente, ficamos sem saber por qual motivo os hebreus saíram do Egito. O Faraó os deixou sair (Ex 13,17)? Ou será que, ao invés disso, foram expulsos (Ex 12,39)? Quem sabe, se não fugiram (Ex 14,5)? Ou, talvez, teria sido o próprio Deus quem os tirou da servidão, conforme Ele afirma (Ex 20,2)?... O mais provável que tenha acontecido é que houve uma fuga, razão pela qual não seguiram o caminho mais indicado, que ligava o Egito à Ásia, pois nele havia uma fortaleza egípcia (Muralha dos Príncipes). Isso é levantado por Keller:

A primeira parte do caminho seguido pelos fugitivos é fácil de acompanhar no mapa. Ele não conduzia – convém notá-lo – em direção ao que se chamou mais tarde "caminho dos filisteus" (Êxodo 12.17), a grande estrada que se estendia do Egito à Ásia, passando pela Palestina. Essa grande estrada para caravanas e colunas militares seguia quase paralela à costa do mar Mediterrâneo e era o caminho mais curto e melhor, mas também o mais bem vigiado. Um exército de soldados e funcionários, estabelecido no forte da fronteira, exercia rigoroso controle de todas as entradas e saídas.

Esse caminho, portanto, oferecia grande perigo. Por esse motivo, o povo de Israel seguia para o sul. [...]. (KELLER, 2004, p. 145).

Para quem estava fugindo, o melhor caminho era aquele onde não havia nenhuma

tropa do exército do Faraó para guarnecê-lo, razão pela qual essa hipótese torna-se a mais provável. Poderemos ainda corroborá-la com a perseguição levada a efeito pelo Faraó (Ex 14,6-9); isso não aconteceria se ele tivesse deixado os hebreus saírem, mas plenamente justificável se houvesse uma fuga, fato que tornaria o passo Ex 14,5 como tendo sido o ocorrido. Com isso, também não ficaria fora de propósito no caso de os hebreus terem saído sem levar nenhuma provisão de alimentos para a jornada, conforme narrado em Ex 12,39, embora, nessa passagem, se afirme que eles foram expulsos.

Continuando, leiamos as seguintes passagens:

Ex 14,6-9: "*O Faraó mandou aprontar o seu carro e tomou consigo o seu povo; tomou seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, com oficiais sobre todos eles. E Jahweh endureceu o coração de Faraó, rei do Egito, e este perseguiu os israelitas, enquanto saíam de braço erguido. Os egípcios perseguiram-nos, com todos os cavalos e carros de Faraó, e os cavaleiros e o seu exército, e os alcançaram acampados junto ao mar, perto de Piailot, diante de Baal Sefo*".

Ex 14,23: "*Os egípcios que os perseguiam entraram atrás deles, todos os cavalos de Faraó, os seus carros e os seus cavaleiros, até o meio do mar*".

Ex 14,28: "*As águas voltaram e cobriram os carros e cavaleiros de todo o exército de Faraó, que os haviam seguido no mar; e **não escapou um só deles***".

O primeiro conflito é: como os egípcios poderiam estar ainda usando os cavalos, uma vez que, quando a peste grassou, uma das pragas divinas, os atingiu fazendo morrer todos os seus animais (Ex 9,6)?

O segundo é em relação ao Faraó. Conforme os estudiosos, é provável que o Faraó daquela época tenha sido Ramsés II. O relato diz que todos morreram, exército e Faraó, não escapando um só. Mas será que um evento desse, envolvendo o próprio Faraó, não teria sido registrado pelos egípcios? Será que houve uma lamentável falha entre os historiadores daquela época? Apesar de nossos esforços em procurar saber como Ramsés II morreu, só encontramos essas referências:

Ramsés morreu com aproximadamente 90 anos e gerou pelo menos 90 filhos. Quando estudaram a múmia de Ramsés, viram grandes problemas com seus dentes. Pode ser que tenha morrido por infecção. Sabe-se que nos seus últimos dias sofreu bastante. (fonte: <http://www.caiozip.com/ramses.htm>).

Como o grande Ramsés morreu? Provavelmente de velhice. (National Geographic, Ed 26ª, texto de Rick Gore, in *Ramsés, o Grande*, p. 35).

Ramsés II morreu em agosto de 1213 a.C., com cerca de 90 anos. (National Geographic, Ed. 26ª, texto de Kent R. Weeks, in *Vale dos Reis*, p. 60).

Entretanto, fosse sua morte provocada pela maneira descrita na Bíblia, fatalmente haveria registro disso em outras fontes. Por conseguinte, caso o Faraó não tenha morrido afogado, o que é o mais provável, então o relato bíblico é fictício; eis o dilema.

## Conclusão

De nada adianta usar interpretações tendenciosas de muitas das religiões tradicionais para sustentar esses fatos, pois, ao homem inquiridor dos dias atuais, alegações desse tipo não convencem, já que ele prefere que se busque a verdade dos fatos. Devemos, mesmo à custa de muita indignação por parte de algumas pessoas, apontar os equívocos de interpretação, as interpolações, bem como as deliberadas adulterações, para mostrar a verdade limpa e pura, que muito mais agrada que uma afirmação contraditada pelos fatos.

Devem, pois, os teólogos rever seus conceitos, conceitos esses que, diga-se de passagem, em sua maioria, são dum passado remoto e que, por força dos conhecimentos atuais, tornaram-se obsoletos. "A verdade ainda que tardia", diria Tiradentes numa situação dessa.

Finalizando, veremos a opinião de Baruch de Espinosa (1632-1677) a respeito de milagres desse tipo:



O homem comum chama, portanto, milagres ou obras de Deus aos fatos insólitos da natureza e, em parte por devoção, em parte pelo desejo de contrariar os que cultivam as ciências da natureza, prefere ignorar as causas naturais das coisas e só anseia por ouvir falar do que mais ignora e que, por isso mesmo, mais admira. Isso, porque o vulgo é incapaz de adorar a Deus e atribuir tudo ao seu poder e à sua vontade, sem elidir as causas naturais ou imaginar coisas estranhas ao curso da natureza. Se alguma vez ele admira a potência de Deus, é quando imagina como que a subjugar a potência da natureza. (ESPINOSA, 2003, p. 96).

O que temos dito é que o maior milagre, no caso da travessia do Mar Vermelho, não é propriamente abrir as águas em duas muralhas, mas o seu deslocamento, por cerca de 360 km, para atribuir a essa travessia o caráter de milagre. Então para nós é válida essa fala de Paulo: "... se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas" (2Tm4, 4).

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
(set/2004)  
(revisado out/2012)

#### **Referências bibliográficas:**

- A Bíblia Anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.  
*Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.  
*Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.  
*Bíblia Sagrada - Edição Barsa*. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.  
*Bíblia Sagrada - Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2001.  
*Bíblia Sagrada*. Aparecida, SP: Santuário, 1984.  
*Bíblia Sagrada*. Brasília, DF: SBB, 1969.  
*Bíblia Sagrada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.  
*Bíblia Sagrada*. São Paulo: Ave Maria, 1989.  
*Bíblia Sagrada*. São Paulo: Paulinas, 1980.  
*Bíblia Shedd*, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.  
*Escrituras Sagradas*, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.  
 CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. Vol. 4. São Paulo: Candeia, 1995d.  
 ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político*, São Paulo; Martins Fontes, 2003.  
 GARDNER, L. *Os segredos perdidos da Arca Sagrada*, São Paulo: Madras, 2004.  
 JOSEFO, F. *História dos Hebreus*, Rio de Janeiro: CPAD, 1990.  
 KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão...* São Paulo: Melhoramentos, 2004.  
 National Geographic Especial nº 26 A, São Paulo: Abril, junho de 2002.  
<http://www.caiozip.com/ramses.htm>, consultado em 26.10.2005, às 10.00 hs.  
 Imagem do mapa geográfico: Bíblia Anotada.